

7ª Lectio Divina na Catedral (07.05.2012)

O milagre do Mistério – Esposo

Jo 2, 1-12

«Ao terceiro dia, celebrava-se uma boda em Caná da Galileia e a mãe de Jesus estava lá. ²Jesus e os seus discípulos também foram convidados para a boda. ³Como viesse a faltar o vinho, a mãe de Jesus disse-lhe: «Não têm vinho!»^{4}Jesus respondeu-lhe: «Mulher, que tem isso a ver contigo e comigo? Ainda não chegou a minha hora.»^{5*}Sua mãe disse aos serventes: «Fazei o que Ele vos disser!»^{6*}Ora, havia ali seis vasilhas de pedra preparadas para os ritos de purificação dos judeus, com capacidade de duas ou três medidas cada uma. ⁷Disse-lhes Jesus: «Enchei as vasilhas de água.»⁸Eles encheram-nas até cima. Então ordenou-lhes: «Tirai agora e levai ao chefe de mesa.»⁹E eles assim fizeram. O chefe de mesa provou a água transformada em vinho, sem saber de onde era - se bem que o soubessem os serventes que tinham tirado a água; chamou o noivo ^{10*}e disse-lhe: «Toda a gente serve primeiro o vinho melhor e, depois de terem bebido bem, é que serve o pior. Tu, porém, guardaste o melhor vinho até agora!»^{11*}Assim, em Caná da Galileia, Jesus realizou o primeiro dos seus sinais miraculosos, com o qual manifestou a sua glória, e os discípulos creram nele. ¹²Depois disto, desceu a Cafarnaúm com sua mãe, os irmãos e os seus discípulos, e ficaram ali apenas alguns dias».*

O texto bíblico do Evangelho insere-se na semana inaugural da manifestação de Jesus aos discípulos (três dias depois do encontro com Filipe e Natanael), «No terceiro dia, houve um casamento em Caná da Galileia» e sete dias a seguir ao primeiro testemunho de João Baptista sobre Jesus, (cf. Jo 1,19-51).

1. O início aos milagres (*arche* = início)

O primeiro milagre de Jesus relaciona-se, intimamente, com a sua missão, no qual se testemunha que a glória divina está presente desde o início da vida pública de Jesus, antecipando a manifestação plena. O contexto é o da festa de um casamento em Caná da Galileia, onde estava a Mãe de Jesus, sendo, também, convidados ao banquete de núpcias, Jesus e os seus discípulos.

A certa altura o vinho faltou e Maria disse a Jesus: «não têm vinho»

(o termo ‘vinho’ aparece três vezes no texto, significando um tema importante para o evangelista). Estranhamente, Jesus responde: «Mulher, que temos nós com isso? Ainda não chegou a minha hora» (o título ‘Mulher’ é repetido na hora da Cruz «Mulher, eis o teu filho!» (Jo 19,26), interpretando teologicamente, Maria, a Esposa do Senhor e Mãe da Igreja).

A resposta de Jesus parecendo estranha, pretende dizer que, enquanto Maria pensa no vinho da festa, Jesus pensa na sua missão, agora inaugurada. Por isso, entre eles há uma certa incompreensão. A hora da realização final ainda não chegou, como se desenvolverá no evangelho joanino, ao aproximar-se a hora da paixão e morte na cruz – ponto culminante de todo o seu mistério e ministério pascal, a hora da manifestação da sua glória – onde Maria também está. Todavia, Jesus realiza o milagre, transformando a água em vinho, mas o vinho bom que Ele dá é um sinal do vinho messiânico da sua missão. Maria com confiança plena diz, então, aos serventes: «Fazei tudo o que Ele vos disser». A hora de Maria coincide com a hora de Jesus.

«Nas bodas nupciais, interpretando as palavras do Filho para além do seu significado literal (cf. Jo 2,4), compreendeu o sentido profundo do «sinal de Caná», mandou que obedecessem ao mandato do Senhor (cf. Jo 2,5) e ajudou a fé dos discípulos».

Vários comentadores salientam que João define o milagre de Caná não simplesmente como o “primeiro”, mas também o “arquetipo” dos prodígios realizados por Jesus. O substantivo *semeion* (sinal) ocorre 17 vezes no Evangelho de João.

2. A última palavra de Maria

«Fazei o que Ele vos disser»: as últimas palavras de Maria no IV Evangelho, às quais podemos chamar de testamento de Maria. Nos

Evangelhos são seis as vezes em que Maria fala, sempre em poucas palavras, excetuando o cântico do Magnificat. Alguns autores dizem até que falou por setes vezes, sendo a sétima palavra, aquela junto à cruz, a mais eloquente, porque brotou do silêncio¹. Agora vejamos como este imperativo mariano nos revela o mistério de Jesus.

No Sinai, ao terceiro dia o Senhor revelou a sua glória a Moisés. Em Caná, ao terceiro dia Jesus revelou a sua glória, dando o vinho novo. Por outro lado, no Sinai Israel promete: «quanto o Senhor disse, nós o faremos» (Ex 19,8; 24,3.7); em Caná, Maria exorta os servos da mesa: «fazei o que Ele vos disser». Há muitos exegetas que ligam estas palavras, àquelas que Faraó disse aos egípcios quando lhe pediram pão nos anos de carestia: «ide a José. Fazei o que ele vos disser» (Gen 41,55). De qualquer modo, na óptica joanina, a inauguração da Nova aliança realizou-se em Caná.

Certamente que não se pode excluir um simbolismo eucarístico nesta narração das bodas de Caná, porque pela força da Eucaristia a Igreja experimenta na esperança as alegrias das bodas com Cristo.

A cena seguinte anda à volta das talhas, que se enchem de água (600lt). Estas talhas eram destinadas à purificação dos Judeus. A ineficácia dessa água é trocada pelo vinho novo. Tudo é marcado pelo sinal da novidade. O milagre é em quantidade e qualidade. Esta abundância de água que está para ser transformada em vinho reevoca a linha profética (cf. Am 9,13-14; Os 14,7; Jer 31,12) que fala do vinho da alegria escatológica abundante no copo dos crentes.

Os servos das bodas são chamados diáconos, os amigos de Jesus. Na verdade, Ele próprio disse no mesmo Evangelho. «Vós sereis meus amigos

¹ «Sugestivamente os Padres da Igreja, ao contemplarem este mistério [palavra da Cruz], colocam nos lábios da Mãe de Deus esta expressão: “está sem palavras a Palavra do Pai, que fez toda a criatura que fala; sem vida estão os olhos apagados d’Aquele a cuja palavra e aceno se move tudo o que tem vida”. Aqui verdadeiramente comunica-se-nos o amor “maior”, aquele que dá a vida pelos próprios amigos (cf. Jo 15,13)». MÁXIMO, o Confessor, *in* BENTO XVI, *Verbum Domini* 12.

se fizerdes o que vos mando (Jo 15,14).

3. Epifania

O mistério de Caná abre a epifania da glória de Cristo e mostra a sua missão, a razão do seu ministério. «A rosa é sem porquê; floresce porque floresce, não cuida de si própria, não pergunta se a vemos»². João oferece a sua interpretação essencial do mistério cristológico, que sob a imagem do casamento, representa a inauguração da Nova e eterna Aliança «Jesus deu início aos seus milagres. Manifestou a sua glória e os discípulos acreditaram n'Ele». Não se trata de uma fé nascida do milagre, mas de uma fé que soube ler e compreender o milagre da novidade e da abundância da bondade de Deus para os crentes. Não se acredita numa ideia ou numa doutrina, mas numa Pessoa.

A imagem das núpcias foi usada muitos séculos antes de Cristo, um profeta anónimo, que a Escritura conserva inserido na grande tradição de Isaías, falou da salvação de Jerusalém: «não mais te chamarão “Abandonada”, nem à tua terra “Deserta”, mas hão-de chamar-te “Predileta” e à tua terra “Desposada”, porque serás a predileta do Senhor e a tua terra terá um esposo...tu serás a alegria do teu Deus» (Is 62, 1-5). O Senhor é, portanto o esposo do seu povo. No tempo dos Patriarcas, a Aliança era descrita em termos de um pacto entre duas partes, de mútua conveniência e interesse. Posteriormente, os Profetas começam a falar de um pacto, uma relação mais forte, definido com as imagens da aliança matrimonial, cujo fundamento é o amor.

A Igreja-esposa vê simbolicamente nas bodas de Caná a sua própria união esponsal com Cristo-esposo. Ele é o esposo, como se autodefiniu (cf. Mt 9,15; Mc 2,19; Lc 5,34). Cristo-esposo é um dos muitos modelos

² A. SILESIUS, *A rosa é sem porquê*, Veja Limitada 1991, 49.

teológicos usados pelo Novo Testamento para indicar a relação íntima entre Cristo e a Igreja.

O vinho ocupa o centro da narração evangélica. De facto, o vinho no mundo bíblico é símbolo da bênção abundante de Deus e símbolo do Reino que vem. O facto de não haver mais vinho no banquete significa que o reino ainda estava longe. A intervenção da Mãe não é uma intercessão de salvação, mas mais que isso é uma disponibilidade total de Maria à obediência, qual figura de Israel que acolhe as condições ainda desconhecidas da nova e definitiva aliança que Deus realiza em Jesus Cristo.

+ José Cordeiro